



A Santa Sé

AUDIÊNCIA

Quarta-feira 3 de Junho de 1998

1. Outra significativa intervenção do Espírito Santo na vida de Jesus, depois daquela da Encarnação, realiza-se no baptismo d'Ele no rio Jordão.

No Evangelho de Marcos o evento é assim narrado: «Por aqueles dias, Jesus veio de Nazaré da Galileia e foi baptizado por João, no Jordão. No momento em que saía da água, viu os céus abertos e o Espírito como uma pomba, descer sobre Ele. E dos céus veio uma voz: “Tu és o Meu Filho muito amado, em Ti pus toda a Minha complacência”» (1, 9-11 e par.). No quarto evangelho é referido o testemunho dado pelo Baptista: «Vi o Espírito Santo a descer do Céu como uma pomba e permanecer sobre Ele» (*Jo 1, 32*).

2. No concorde testemunho evangélico, o evento do Jordão constitui o início da missão pública de Jesus e da Sua revelação como Messias, Filho de Deus.

João pregava «um baptismo de penitência para remissão dos pecados» (*Lc 3, 3*). Na multidão de pecadores que vêm para ser baptizados por ele, eis que está Jesus. Ele reconhece-O e proclama o cordeiro inocente que tira o pecado do mundo (cf. *Jo 1, 29*), para reconduzir a humanidade inteira à comunhão com Deus. O Pai exprime a Sua complacência pelo Filho dilecto, que Se faz servo obediente até à morte, e comunica-Lhe o poder do Espírito para que possa realizar a missão de Messias-Salvador.

Certamente Jesus possui o Espírito desde a Sua concepção (cf. *Mt 1, 20; Lc 1, 35*), mas no baptismo recebe uma nova efusão do Espírito, uma unção de Espírito Santo, como atesta São Pedro no discurso na casa de Cornélio: «*Deus ungiu com o Espírito Santo e poder a Jesus de Nazaré*» (*Act 10, 38*). Esta unção é uma *elevação* de Jesus «aos olhos de Israel como Messias,

isto é, *ungido* com o Espírito Santo»; é uma verdadeira *exaltação* de Jesus enquanto Cristo e Salvador (cf. *Dom. et vivif.*, 19).

Enquanto Jesus viveu em Nazaré, Maria e José puderam experimentar o Seu crescimento em idade, sabedoria e graça (cf. *Lc* 2, 40; 2, 51), sob a guia do Espírito Santo que operava n'Ele. Agora, ao contrário, são inaugurados os tempos messiânicos; tem início uma nova fase na existência histórica de Jesus. O baptismo no Jordão é como um «prelúdio» de quanto acontecerá depois. Jesus começa a estar ao lado dos pecadores para lhes revelar o rosto misericordioso do Pai. A imersão no rio Jordão prefigura e antecipa o «baptismo» nas águas da morte, enquanto a voz do Pai, que O proclama Filho predilecto, prenuncia a glória da ressurreição.

3. Após o baptismo no Jordão, Jesus começa a exercer a Sua tríplice missão: missão *real*, que O empenha na luta contra o espírito do mal, missão *profética*, que O torna pregador incansável da Boa Nova, e missão *sacerdotal*, que O impele ao louvor e à oferta de Si ao Pai para a nossa salvação.

Os três sinópticos sublinham como, imediatamente após o baptismo, Jesus é «levado» pelo Espírito Santo ao deserto «para ser tentado por Satanás» (*Mt* 4, 1; cf. *Lc* 4, 1; *Mc* 1, 12). A proposta de Satanás é a de um messianismo triunfal, feito de prodígios espectaculares, como transformar as pedras em pão, lançar-se do pináculo do templo ficando ileso, conquistar num instante o domínio político de todas as nações. Mas a escolha de Jesus, em pleno obséquio à vontade do Pai, é clara e inequívoca; Ele aceita ser o Messias sofredor e crucificado, que oferecerá a Sua vida pela salvação do mundo.

Iniciada no deserto, a luta com Satanás prossegue durante toda a vida de Jesus. Uma Sua actividade típica é a do exorcismo, razão por que o povo brada admirado: «Até manda nos espíritos impuros, e eles obedecem-Lhe» (*Mc* 1, 27). Quem ousa afirmar que esse poder de Jesus deriva do próprio Satanás, blasfema contra o Espírito Santo (cf. *Mc* 3, 22-30): com efeito, é precisamente «com o Espírito de Deus» que Jesus expulsa os demónios (*Mt* 12, 28). Como afirma São Basílio de Cesareia, com Jesus «o diabo perdeu o seu poder na presença do Espírito Santo» (*De Spir. S.* 19).

4. Segundo o evangelista Lucas, depois da tentação no deserto, «*impelido pelo Espírito*, Jesus voltou para a Galileia (...) e *ensinava* nas sinagogas» (4, 14-15). A presença poderosa do Espírito Santo verifica-se também na actividade evangelizadora de Jesus. Ele mesmo o ressalta no sermão inaugural na sinagoga de Nazaré (*Lc* 4, 16-30), aplicando a Si a passagem de Isaías: «O Espírito do Senhor está sobre Mim» (*Is* 61, 1). Em certo sentido, pode-se dizer que Jesus é o «missionário do Espírito», enviado como é pelo Pai para anunciar com a força do Espírito Santo o evangelho da misericórdia.

Animada pelo poder do Espírito, a palavra de Jesus exprime verdadeiramente o Seu mistério de

Verbo feito carne (*Jo* 1, 14). Por isso é a palavra de alguém que tem «autoridade», ao contrário dos escribas (*Mc* 1, 22). É «uma doutrina nova», como reconhecem estupefactos os ouvintes do Seu primeiro sermão em Cafarnaum (*Mc* 1, 27). É uma palavra que realiza e supera a lei mosaica, como emerge no sermão da montanha (*Mt* 5-7). É palavra que comunica o perdão divino aos pecadores, oferece cura e salvação aos doentes, até mesmo ressuscita os mortos. É a Palavra d'Aquela «que Deus enviou», e é de tal modo habitado pelo Espírito, que O pode comunicar «sem medida» (*Jo* 3, 34).

5. A presença do Espírito Santo é ressaltada de maneira especial na oração de Jesus.

O evangelista Lucas refere que no momento do baptismo no Jordão, «enquanto Se encontrava em oração (...), o Céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre Ele» (3, 21-22). Esta ligação entre a oração de Jesus e a presença do Espírito retorna explicitamente no hino de júbilo: «Jesus estremeceu de alegria *sob a acção do Espírito Santo* e disse: “Bendigo-Te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra...”» (*Lc* 10, 21).

O Espírito acompanha assim a experiência mais íntima de Jesus, a da Sua filiação divina, que O impele a dirigir-Se a Deus Pai chamando-O «Abba» (*Mc* 14, 36) com uma familiaridade singular, que não é atestada a propósito de nenhum outro judeu ao dirigir-se ao Altíssimo. Precisamente através do dom do Espírito, Jesus fará participar os crentes na Sua comunhão filial e na Sua intimidade com o Pai. Como nos assegura São Paulo, o espírito Santo faz-nos chamar a Deus: «Abba, Pai» (*Rm* 8, 15; cf. *Gl* 4, 6).

Esta vida filial é o grande dom que recebemos no Baptismo. Devemos redescobri-la e cultivá-la de novo, tornando-nos dóceis à obra que o Espírito Santo realiza em nós.